

## **CÉSARES E ANTÔNIOS: A HISTORIOGRAFIA ATUAL SOBRE OS MILITARES ROMANOS E AS BIOGRAFIAS PLUTARQUIANAS<sup>1</sup>.**

NATÁLIA FRAZÃO JOSÉ<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca analisar as biografias plutarquianas, *Vida de César* e *Vida de Antônio*, realizando uma breve comparação entre os dados biografados por Plutarco de Queroneia e os dados divulgados pela historiografia contemporânea sobre a vida destes dois personagens romanos.

**Palavras-chave:** Plutarco – Júlio César – Marco Antônio

As obras de historiadores antigos se constituem em uma importante referência para que conheçamos os personagens e sociedades que retratam a partir de seus olhares, segundo as suas próprias concepções. As obras nos deixadas por Plutarco de Queroneia apresentam esta mesma importância, uma vez que este analisa e descreve sociedades distintas da sua, deixando transparecer suas próprias opiniões sobre os eventos que narra.

Logo, ao narrar a vida de homens romanos do I a.C, o biógrafo grego pertencente aos séculos I e II d.C., insere em sua obra concepções próprias de sua sociedade e do seu tempo, característica esta que pode influenciar, de determinadas maneiras, a história que narra.

### **O CÉSAR DE PLUTARCO**

O primeiro aspecto que devemos notar ao analisarmos a *Vida de César* escrita por Plutarco é que a obra encontra-se incompleta. Faltam os capítulos iniciais sobre o nascimento e os primeiros anos da vida do biografado. Segundo Pedro Paulo Funari (2007:133), a falta das informações iniciais sobre a vida de César se dá porque muitos manuscritos plutarquianos foram perdidos ao longo do tempo, e, com isto, os parágrafos iniciais da *Vida de César* também foram perdidos.

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “As relações político-amorosas de Cleópatra VII com os generais militares Júlio César e Marco Antônio: o testemunho de Plutarco.”, que foi realizada com a orientação da Profa.Dra.Margarida Maria de Carvalho e com o financiamento da agência de fomento FAPESP.

<sup>2</sup> Atualmente, a autora é Mestranda em História Antiga – FHDSS – Unesp/Franca, sob orientação da Profa.Dra.Margarida Maria de Carvalho.

Seguindo os rumos dos outros escritos plutarquianos, a vida de César é relatada de forma a descrever seu caráter, sua moral. A descrição dos acontecimentos históricos e a maneira como o indivíduo biografado se coloca diante destes serve como demonstração de seu caráter. Logo, a parte central de sua vida não possui um rigor cronológico, muitos dados são relatados com a datação errada, pois a questão importante para Plutarco gira em torno do desenvolvimento do caráter, da ética do biografado.(Funari, 2007:133)

O nome *Vidas Paralelas* se dá, pois, Plutarco, ao escrever as biografias de personagens famosos, compara, em um único volume, um homem grego a um homem romano. Assim, Júlio César é comparado a Alexandre Magno. Nota-se, no decorrer deste volume, que o autor vai apresentando as características, valores e realizações de cada um, contrastando-os ao final. É visível, ao analisarmos as duas biografias, que Plutarco exalta os feitos e o caráter de Alexandre, enquanto, em muitas passagens denigre, de certa forma, a imagem de César, principalmente ao relatar seus relacionamentos amorosos.

A vida de Júlio César é narrada por Plutarco de maneira a descrever, desde muito cedo, suas aspirações ao poder. Ao iniciar a obra com César contando com vinte anos, Plutarco já faz menção à sua oposição política a Sila e ao seu afeto pelo partido popular. Por conseguinte, os acontecimentos deste período da vida do biografado serão norteados por sua convicção política, dando grande ênfase à sua disposição para sua oratória política e como esta agradava ao povo romano:

Em Roma, irradiava-se de César uma grande sedução por causa de sua eloquência nas defesas, e considerável estima vinha-lhe de seus concidadãos pela amabilidade de seu acolhimento e de sua conversação, visto que era mais obsequioso que os de sua idade. (PLUTARCO in César 4,4)

Desta forma, o autor vai demonstrando o crescente poder político de César, o qual lhe rende a nomeação para diversos cargos públicos, tais como o Tribunato Militar, no ano de 72 a.C. No entanto, é importante demonstrar que, desde o princípio, Plutarco considera o caráter de seu biografado como sendo de certa forma, maligno, o que podemos perceber através da citação a seguir:

Em todo caso, o primeiro que pareceu suspeitar e temer o aspecto agradável da política de César semelhante ao do mar, e que percebeu o terrível caráter oculto sob seus sentimentos de humanidade e jovialidade foi Cícero [...] (PLUTARCO in César 5,8)

Nota-se, a partir deste trecho, o julgamento de valor que Plutarco faz a respeito da figura de César, mostrando, mais uma vez, suas próprias opiniões.

A continuação do relato sobre a vida do biografado é permeada por seus feitos políticos e militares, e é a partir destes que Plutarco tenta perceber e demonstrar o verdadeiro caráter do personagem. São analisados os cargos que César adquire, além de suas conquistas militares e da reação do povo romano. Plutarco tenta demonstrar, em detalhes, a formação do primeiro Triunvirato, notando a importância do casamento de Júlia, filha de César, com Pompeu, seu aliado. Da mesma forma, nota como a morte de Júlia desfaz os laços entre os triúmviros, fato que culmina na Guerra Civil e na morte de Pompeu.

Ao relatar os relacionamentos amorosos de César, Plutarco, novamente, emite seus preceitos pessoais, deixando visível sua opinião de que o biografado era um homem de muitas mulheres.

Ao relatar os acontecimentos que precederam os Idos de Março, o escritor deixa claro sua aversão pela conjuração que se formava. Descreve, minuciosamente, o assassinato de César com a intenção de mostrar como se constituiu em um ato de covardia e violência:

Casca foi o primeiro a feri-lo com a espada, na nuca, mas a ferida não era profunda, nem mortal, porque decerto o homem se sentia nervoso ao começar uma empresa tão grave e tão ousada. César se volta e segura o gládio; gritam os dois quase ao mesmo tempo, o ferido em latim: “Sanguinário Casca, que fazes?”, o agressor em grego, a seu irmão: “Irmão, acode!”. Foi assim que tudo começou. Os que não participavam da conjuração tremeram de susto vendo o que se passava, não ousando nem fugir, nem defender César, nem dizer palavras. Mas os que haviam se armado para o crime sacaram as espadas. César, cercado de todos os lados, só vê à frente, para onde quer que se volte, lâminas cruéis a feri-lo na face e nos olhos; empurrado por todos, debate-se como um animal selvagem. Cada qual deveria tomar parte no sacrifício e degustar o assassinato [...] (PLUTARCO in César 66, 8).

Sendo assim, ao analisarmos a obra plutarquiana *Vida de César*, podemos notar como esta é permeada pelas convicções pessoais do autor, além de denotar os princípios de sua sociedade e de seu tempo. Na mesma obra, também é possível perceber de onde Plutarco retira seus dados históricos. Em alguns momentos, o autor faz referência a certos documentos e testemunhos antigos, tais como as cartas de César e, como podemos notar no trecho a seguir, os escritos de Cícero: “Se o fato é verdadeiro, não sei por que Cícero não o relatou em sua obra *Sobre o meu Consulado*.” (PLUTARCO in César 8,6).

Nesta parte, Plutarco pode estar se referindo ao *Commentarium* escrito em grego por Cícero sobre o seu consulado. Isto demonstra a função de pesquisador que Plutarco exerceu ao

procurar por fontes e dados históricos que dessem base para a biografia que estava escrevendo. Porém, em outros momentos, o autor grego faz menção a relatos orais, tais como:

“*Diz-se* que César nascera dotado das mais felizes disposições para a eloqüência política e que cultivara o talento natural com tanto empenho [...]” (PLUTARCO in César 3,3, grifo nosso).

“São esses os fatos *que se contam* antes de seu comando na Gália.” (PLUTARCO in César 15,1, grifo nosso).

Nota-se, a partir de então, o uso da história oral nos escritos plutarquianos. Desta forma, ao escrever mais de duzentos anos após os acontecimentos, Plutarco utilizou histórias e relatos que eram passados de pai para filho, de uma pessoa para outra, o que pode ter alterado o teor dos acontecimentos, além de proporcionar erros cronológicos e lacunas na História, tais quais aparecem nas notas da tradução da obra plutarquiana realizada por Ísis Borges da Fonseca (2007).

Portanto, é possível que a obra de Plutarco *Vida de César* esteja propensa a conter julgamentos de valores por parte do autor, anacronismos e omissões próprias da época em que escreve e não do tempo que biografava. Desta maneira, estas ocorrências podem acarretar em avaliações precipitadas a respeito do biografado, das pessoas que com ele conviveram e da trajetória de sua história pessoal.

Um outro ponto importante a ser novamente ressaltado diz respeito à época em que o autor escreve a sua obra. Como já foi dito, Plutarco produz seus escritos no século I d.C, onde a sociedade romana era bem diferente daquela que biografava. Em sua época, dava-se o apogeu da política do Principado, a qual havia sido instituída por Otávio, logo após a vitória na Batalha de Áccio (31 a.C.). O território administrado por Roma encontrava-se em extrema expansão, mudando o recorte geográfico romano vigente na época de César. Desta forma, as instituições políticas não eram as mesmas. A partir da descrição de Paul Petit (1989:56), o poder concentrava-se na mão do *princeps*, embora o Senado também estivesse presente, porém sem a posição de destaque que possuía durante a República.

O regime político do século I d.C era baseado em um sistema monárquico, mesmo que este, como percebe Pierre Grimal (1968: 106), possuía um sentido ambíguo, pois para este autor, a nova monarquia se manteria em parte fiel às instituições e às tendências profundas da República. A partir dessa análise, o Principado teria uma natureza política, sociológica e/ou religiosa

decorrentes da detenção por parte do *princeps* de diversos títulos ou princípios da prática da política republicana.

Já para Gilvan Ventura:

[...] a estruturação do Principado não representou apenas um processo de concentração de recursos militares e financeiros em larga escala e de poderes e títulos republicanos nas mãos de um único homem, ou seja, um processo de criação de base material e jurídico-institucional para que fosse possível a Augusto exercer o seu poder. De fato, o advento do Principado representou também a criação de um sistema ideológico capaz de nortear as ações políticas desenvolvidas pelo *princeps* a fim de angariar partidários para a sua causa e de debelar os focos de oposição ao novo regime [...] (SILVA, 2001:49)

Mesmo com o advento de um novo sistema de governo, o qual não ficava extremamente às claras para a sociedade romana, a República Senatorial não desapareceu de todo. As oligarquias senatoriais ainda eram existentes e mantinham grande poder dentro da sociedade. No entanto, como já foi dito, apesar de certas continuidades com a República, o Principado alterou e muito Roma, principalmente a época de Plutarco. Nota-se que o fato de este escritor relatar um período diferente do seu influencia, de maneira substancial, seus relatos.

## **O CÉSAR DOS HISTORIADORES CONTEMPORÂNEOS**

De acordo com Luciano Canfora (2002:22) e A.H. McDonald (1971:92), é no cenário do final da República Romana, no século I a.C., que surge Caio Júlio César. Nesta determinada época, Roma figurava-se em uma sociedade de extrema complexidade, em crescente mutação, apesar de manter seu status de cidade-Estado.

Como nos mostra os autores supracitados, Roma constituía-se em uma sociedade militarizada, em vias de rápida expansão, no auge de seu imperialismo, através do qual a maior parte da Península Italiana e do território europeu foi subjugado ao domínio romano. Ainda, A autoridade aristocrática era exercida através dos Cônsules e do Senado Romano, ambos auxiliados pela ação dos tribunos. O Senado era, basicamente um corpo consultivo, que assumia as principais funções de controle direto em âmbitos políticos, administrativos e financeiros.

Segundo J.P. Baldson (1968), a aristocracia senatorial, em finais do século II a.C e início do século I a.C, via-se abalada pela divisão entre *Optimates* e *Populares*<sup>3</sup>, oriunda das Reformas Agrárias de Tibério e Caio Graco<sup>4</sup>. Este é um período marcado por inúmeras e profundas crises: a Guerra Civil ascendia a cada dia, trazendo com ela maiores instabilidades:

A incompatibilidade constitucional é característica de uma situação revolucionária. A Roma do período republicano vivia um ambiente de luta pelo poder político: os nobres combatiam pela manutenção dos seus privilégios; os seus oponentes atacavam esses privilégios. (MCDONALD, 1971:155).

Apesar de discordarmos do termo revolucionária<sup>5</sup> utilizado por McDonald, por se tratar de um termo não adequado à situação em questão, podemos aproveitar em sua análise algumas configurações possíveis de serem interpretadas a partir dos relatos do próprio Plutarco.

Sendo assim, através da análise de Paul Petit (1964:235), podemos notar que a República Romana passa a não atender mais as novas exigências, fazendo com que se inicie a procura por um novo sistema político, capaz de reestabelecer a ordem e a estabilidade, trazendo com ele novos personagens, embora saibamos que a historiografia mais recente sobre este período já contesta a construção existente em torno do que significou a Paz Romana.

Para Canfora (2002:20), Júlio César nasceu em Roma, em meio a uma antiga família de patrícios. Os *Julii Caesarii*, apesar de pertencerem ao meio aristocrata, não apresentavam bens suficientes para os padrões da época e, por isso, até então, não ocupavam cargos proeminentes na República. Apresentavam, no entanto, uma estreita ligação familiar com o general e reformador Caio Mário, líder do partido “popular” do Senado, os *Populares*, e adversário político de Sila, oriundo de família patrícia, *Gens Cornelia*.

As disputas entre ambos duraram mais de dez anos, tendo Mário como representante dos *Populares* e Sila como o dos *Optimates*. O desfecho se deu com a morte de Mário, alguns dias depois deste ter assumido seu sétimo consulado, e com o retorno de Sila ao poder, o qual passou a reprimir, violentamente, os partidários de seu antigo oponente.

É desta forma que aparece a figura política de César em Roma, que faz uso de seu parentesco com Mário para agregar em torno de si os ideais da facção popular. Em 89 a.C.,

---

<sup>3</sup> *Optimates* era o termo usado para designar aqueles que pertenciam à aristocracia, tidos como conservadores e representantes da tradição. *Populares* era utilizado para identificar qualquer um que se apoiasse na plebe, tendo em consideração que o termo *Populares* não traz em seu conteúdo o significado que possui nos dias atuais.

<sup>4</sup> Tibério Graco foi tribuno em 133 a.C, enquanto Caio Graco foi tribuno nos anos de 123 a.C. e 122 a.C.

<sup>5</sup> O termo Revolução é aplicado, atualmente, para designar um movimento que altera o caráter político e econômico da sociedade, algo que não ocorreu nesta determinada época da Roma Antiga.

durante a Guerra Civil, Júlio César, afecto ao partido derrotado de Mário, passa a ser perseguido pelo novo governo de Sila, fazendo com que sua imagem juvenil fosse assimilada a de um homem sempre em fuga, porém, sem desistir de suas mais ferrenhas convicções, como assinala Luciano Canfora:

A figura de César, no dealbar da juventude, nos aparece como a de um homem caçado, mas irreduzível, ferozmente empenhado na defesa da honra do partido 'popular', derrotado. Contra ele se encadeia a hostilidade do ditador Sila, que gostaria de eliminar esse sobrinho de Caio Mário [...] (CANFORA, 2002: 31).

É importante notarmos, a partir desta citação, o uso da memória como forma de legitimação do poder, pois achamos que é a partir da ligação com Mário que César se coloca como inimigo de Sila e defensor dos populares.

Conforme também mostra o autor supracitado, Sila exige que César repudie sua esposa, Cornélia, filha de Cina, líder popular, que também tinha sido derrotado pelo novo governo. Quando César se recusou a realizar tal ato, iniciou-se uma perseguição à sua vida, que foi poupada pelos intermédios de pessoas ligadas ao novo ditador romano. Mesmo assim, o jovem César optou por partir para as terras asiáticas, em favor de uma missão militar que lhe havia sido incumbida.

Já na Ásia, César destacou-se perante seus serviços, conseguindo prestígio à frente dos cidadãos romanos, inclusive muitos partidários de Sila. Quando este morreu, em 78 a.C., Júlio César retornou a Roma, agora sobre a insurreição de Marcos Emílio Lépido.

Mais uma vez, após breve estadia, César deixou Roma, voltando a esta somente no ano de 72 a.C., quando obteve sua primeira vitória política: tornou-se *Tribuno Militar*.

Segundo Lily Taylor (1957:11), aos poucos, César concentrava maiores prestígios. Foi eleito *Questor* pela Assembléia do Povo em 69 a.C. Também nesse ano, Cornélia morre ao dar à luz um filho, o qual já nasce morto, e, pouco depois, César perde a tia Júlia, viúva de Mário, de quem era muito próximo. Ao contrário do que era costume, César insistiu em organizar funerais públicos para ambas, com direito a eulogias proferidas da rostra. O funeral de Júlia foi repleto de conotações políticas, visto que César fez questão em incluir a máscara funerária de Caio Mário na procissão, a primeira contestação pública das leis de proscricção de Sila da década anterior. Além disso, os elogios proferidos por César nestas ocasiões lhe atribuíram a característica de um homem carismático, de grande eloquência, como também nos demonstra Plutarco, ao relatar que

foi a partir destes acontecimentos que o povo romano passou a acreditar que César era um homem de coração.

Em 65 a.C. após regressar da província romana em terras da *Hispania Ulterior*, foi eleito *Edil*, o que seria o primeiro cargo do *Cursus Honorum* a deter o *Imperium*. Foi com este cargo que César se firmou no campo político, passando a fazer sua própria política, ganhando cada vez mais papel de destaque no cenário romano. Assim, durante a sua edilidade, César aproximou-se de Pompeu, pois percebia a grande influência que este exercia sobre a política romana.

Consolidavam-se, desta forma, o cenário e o papel do novo líder, o qual realizava inúmeras manobras políticas, posto que a mais bem sucedida delas culminou com o título de *Pontífice Máximo*, que César conquistou no ano de 63 a.C. O cargo remetia ao governante a responsabilidade por toda a vida religiosa de Roma; bem como a custódia das *Virgens Vestais*. Neste mesmo ano, César foi eleito *Pretor*, o que veio somar mais uma nomeação às várias já acumuladas por ele. Nos anos que se seguiram, ainda foi eleito *Cônsul* e *Governador da Hispania Ulterior*. É possível perceber, através desta breve exposição de cargos, que César aumentava, a cada dia, a sua influência e seu poder político na sociedade romana.

Porém, nada se comparava ao que estava por vir. Através de uma manobra política minimamente pensada e muito bem elaborada, César uniu-se a Pompeu, que até então ocupava um lugar de grande destaque político e militar em Roma, e a Crasso, formando assim o Primeiro Triunvirato Romano no ano de 60 a.C. Para selar esta aliança, Pompeu casou-se com Júlia, a única filha de César, formando além de laços políticos, laços familiares, o que para Júlio César representava longevidade da política triunviral. Sendo assim, como é possível perceber, os pactos matrimoniais significavam uma política de longo prazo, ligada por laços consangüíneos.

Neste novo governo, Pompeu recebeu o governo da Hispânia, Crasso foi incumbido do comando da Síria contra os Partos e César o da Gália. A questão fundamental girava em torno de governar o império, obtendo, assim, o poder suficiente para governar a própria Roma, pois como nos mostra Gueza Alfödi, o triunvirato tinha como finalidade conseguir conciliar e satisfazer as pretensões diversas e individuais de três homens com personalidades e interesses diversos. (1989: 55).

Todavia, as divergências em Roma não tardaram a surgir. Apesar de seus sucessos e dos benefícios que a conquista da Gália trouxeram para Roma, César continuava impopular junto aos conservadores da aristocracia romana. Seus pares, Pompeu e Crasso, foram eleitos cônsules no



ano de 55 a.C.; prolongando o *proconsulado* de César por mais cinco anos. Dois anos depois, Crasso é morto durante uma batalha na Síria, fato que abala o governo dos dois triúnviros restantes, uma vez que, com a morte de Júlia, esposa de Pompeu e filha de César, o pacto começou a se mostrar cada vez mais fraco.

Em 50 a.C., o Senado ordenou o regresso de César e a desmobilização de todas as suas legiões romanas, ao mesmo tempo que o proibia de se candidatar ao segundo cargo de cônsul *in absentia*<sup>6</sup>. César sabia que sem o seu cargo de procônsul e o poder das suas legiões seria processado e eliminado da vida política, assim que regressasse a Roma. A recusa do regresso de César a Roma constituía-se no primeiro ato que culminaria na Guerra Civil.

As batalhas foram longas e envolveram não só Roma como diversas de suas províncias e aliados. De um lado, encontravam-se César e sua décima legião; de outro estava Pompeu, também acompanhado de suas tropas e contando com o apoio da ala conservadora do Senado, a qual enxergava na figura de seu oponente a imagem de um ditador, um perigo à República Romana.

Após um longo período de conflito, César, em 48 a.C., vence o exército de Pompeu, fazendo com que este e o restante de seu contingente fugissem para o Egito à procura de auxílio. Em perseguição a Pompeu, César chega a Alexandria. Lá encontra seu adversário morto pelas mãos do soberano Ptolomeu XIII e é também nessas terras que encontra, pela primeira vez, Cleópatra VII.

Após a estadia no Egito, segundo Adrian Sherwin-White (1957), César parte para novas campanhas militares, tais como a Campanha da África e a Batalha de Tapso, em 46 a.C., onde busca por inimigos sobreviventes da Guerra Civil. Após a campanha de Munda, onde eliminou os filhos de Pompeu, retorna a Roma, a qual ainda não se encontrava totalmente apaziguada em relação aos resquícios da Guerra Civil.

De acordo com Peter Garnsey e Richard Saller (2001:36), César foi nomeado ditador vitalício e cognominado *Pater Patriae*, ou seja, pai da pátria. Porém, ainda era grande o número de seus opositores, que consideravam o autoritarismo de César um mal para toda Roma. Em nada o ajudou o triunfo na Espanha sobre os filhos de Pompeu e muito menos sua relação com Cleópatra, acusada de tentar impor o Oriente sobre o Ocidente, usando de artimanhas e de

---

<sup>6</sup> Termo em latim que significa “em ausência”. Era através desta determinação do Senado que César podia candidatar-se a cargos públicos mesmo estando em suas campanhas militares, ausente de Roma.

romanos para isto. Torna-se necessário enfatizar este ponto, que se trata de um momento particular da história romana: o período da transição de República para o Principado Romano.

Deu-se, assim, o início de uma conspiração contra César, que teve como final o assassinato do ditador no dia 15 de março do ano 44 a.C., nos *Idos de Março*. Muitos dos conjurados faziam parte do convívio pessoal de César, tal como Bruto, pretor que gozava da confiança do ditador. César foi assassinado no Senado romano, atingido por 23 punhaladas, porém apenas uma lhe foi fatal, a segunda que lhe atingiu o peito.

### 2.3 – O MARCO ANTÔNIO DE PLUTARCO

Tentando demonstrar o caráter do biografado por trás de seus atos, Plutarco escreve a *Vida de Antônio*, segundo o molde da moral imperial. Desta forma, a sua obra segue os conceitos da História Augusta, a qual foi instituída após a Batalha de Áccio e influencia, de maneira significativa, o relato das vidas dos personagens biografados.

Na extensão de toda a obra, é possível notarmos, assim como na biografia de César, as concepções pessoais do autor sobre o homem que biografava: “Praticava (Antônio) esse estilo exuberante conhecido como asiático, então muito em voga, que, aliás, era um retrato da sua própria vida orgulhosa e arrogante, de ênfase vazia e caprichosa pretensão.” (PLUTARCO in Antônio 2, 10, grifo nosso.)

Desta forma, podemos perceber como Plutarco denomina Antônio. Ao compará-lo à Demétrio<sup>7</sup>, Plutarco personifica a imagem do governante grego como sendo um homem energético, eficiente e perseverante, ao contrário de Antônio, que se submetia a prazeres carnavais, como festas, bebedeiras e relações com mulheres não dignas, como seria o caso de Cleópatra.

Mesmo assim, Plutarco leva em consideração alguns feitos do militar romano, o qual, sem ter experiência nem vocação, consegue partilhar o poder em Roma, tomando para si um papel de grande destaque dentro da sociedade. Relata também o que, para o escritor grego, seria uma qualidade em Antônio: sua generosidade. Entretanto, mesmo nesta característica, Demétrio o supera, pois nas palavras do próprio autor: “[...] mas mesmo nesse ponto Demétrio superou-o, cumulando seus inimigos de favores tais que Antônio não concedia sequer a amigos.” (PLUTARCO in Antônio 89, 6)

---

<sup>7</sup> Trata-se aqui de Demétrio II, da dinastia macedônica dos Antigônidas, que viveu de 336 a.C. a 283 a.C.

Antônio, segundo Plutarco, não é um homem de muitos valores. Comete excessos, como festas, bebedeiras e promiscuidades, deixando-se carregar por prazeres. Antônio sucumbia em atos vergonhosos, principalmente aqueles que possuíam relação com suas mulheres, como podemos notar no trecho a seguir: “Antônio começou por ter duas mulheres ao mesmo tempo, o que nenhum romano antes dele ousara fazer, e depois expulsou sua concidadã, sua esposa legítima, para engregar-se à estrangeira”.(PLUTARCO in Antônio 91, 2.)

No entanto, apesar de Plutarco criticar e, na maioria das vezes, denegrir a imagem de Marco Antônio, ao finalizar sua obra, quando faz a comparação entre este e Demétrio, ele assume que “os desregramentos de Antônio prejudicaram apenas a ele mesmo, os de Demétrio atormentaram os outros”.(91, 8). Sendo assim, Plutarco demonstra que o seu biografado grego também possuía defeitos, o que dá um caráter ambíguo em toda a sua obra. Contudo, a biografia de Antônio é toda pautada em suas más características e em suas falhas, enquanto a de Demétrio mostra, em sua maioria, seus êxitos como um bom governante.

É de extrema importância notarmos que grande parte dos erros do governante romano são atribuídos à sua relação amorosa com a soberana egípcia Cleópatra VII, relação esta que é recorrente por toda a obra plutarquiana.

## **O ANTÔNIO DOS HISTORIADORES CONTEMPORÂNEOS**

Membro do *Gens Antonia*, Marco Antônio nasceu em Roma por volta do ano 83 a.C. Seu pai era Marco Antônio Crépido, filho do orador Marco Antônio assassinado por Mário, em 86 a.C. Sua mãe, Júlia Antônia, era uma prima distante de Caio Júlio César. Tendo seu pai morrido novo, Marco Antônio e seus irmãos, Caio Antônio e Lúcio Antônio, ficaram sob os cuidados de sua mãe, que se casou com Públio Cornélio Lêntulo, um político que se encontrava envolvido com a conspiração Catilina<sup>8</sup>.

A figura de Antônio, durante a juventude, é associada por autores como Plutarco, a de um garoto sem uma orientação paternal, o qual gastava seu tempo com andanças por Roma e frugalidades. Além disso, o contato, desde cedo, de Marco Antônio com políticos como Curião e

---

<sup>8</sup> Conspiração política e militar de Lúcio Sérgio Catilina, o qual impossibilitado de se candidatar ao consulado em 65 a.C, arquitetou um plano de assassinato aos cônsules eleitos. O plano falha, Catilina foge e seus cúmplices são assassinados.

Clódio, que possuíam má fama dentro da sociedade romana, atribuiu-lhe características infames perante a sociedade romana, que se perpetuam durante grande parte de sua vida.

Ainda jovem, como observa Eleanor Huzar (1978), Marco Antônio parte para a Grécia com o intento de estudar a retórica. Depois de curto tempo dedicado ao estudo em Atenas, Antônio parte para Síria em uma missão militar comandada por Aulo Gabínio, onde é nomeado Comandante da Calavaria. É, a partir daí, que Antônio destaca-se no meio militar romano, participando, entre os anos de 57 a.C e 54 a.C, de campanhas na Palestina e no Egito, onde apóia o soberano Ptolomeu XII na retomada do poder em Alexandria.

Em 54 a.C, Antônio torna-se um membro do exército de Júlio César nas campanhas da Gália. Novamente, suas habilidades e sua competência nos assuntos militares o elevam a um papel de destaque dentro do exército o que faz com que, segundo John Ramsey (2003:551), Antônio e César criem uma certa relação de amizade. O militar romano transforma-se no assistente de César, participando e comandando muitas operações militares do general.

A partir da influência política de César, Antônio começa a adquirir seus primeiros cargos políticos dentro da sociedade romana. Em 51 a.C, é nomeado *Questor*, cargo de administração financeira que lhe garantiu um lugar no Senado. Em 49 a.C., ano em que se deflagrou a Guerra Civil entre os partidários de Pompeu e César, Antônio tornou-se tribuno do povo, tomando para si a função de defender os plebeus da arbitrariedade dos magistrados.

Quando César governava, Antônio figurava como sua mão direita. Ficou responsável, em 47 a.C, pela administração das províncias romanas no território italiano, além de ter sido denominado Comandante da Cavalaria. Nesta época, Antônio encontrava-se casado com a filha de Caio Antônio, sua primeira esposa, a qual repudiou por acreditar que confabulava contra ele.

No entanto, suas habilidades administrativas não se equiparavam às militares e, por isso, foi deposto de seu cargo. Este acontecimento, interligado a outros motivos pessoais, afastou Antônio do ditador por um período de dois anos. A reconciliação somente acontece em 44 a.C, quando Antônio é escolhido como parceiro de César em seu décimo quinto consulado.

Na morte de César, no mesmo ano, Antônio o acompanhava ao Senado, porém, tendo isso sendo previsto pelos conspiradores, ele foi afastado do lado do ditador por Trebônio, que tinha sido incumbido de tal função. Muitos relatos constatarem o pânico e a revolta de Antônio quando se deu conta do que estava ocorrendo. Para Luciano Canfora “[...] A docilidade de Antônio nessa

circunstância (assassinato de César), num dia tenso e cheio de pressentimentos, não cessa de surpreender.”(Canfora, 2002:372, grifo nosso).

Para este autor, a tranqüilidade demonstrada por Antônio ao ser parado nas escadas do Senado por um dos conspiradores denota que este já conhecia o plano, ao contrário de Ramsey (2003:549), o qual defende a não participação de Antônio.

Conforme os relatos de muitos historiadores, que se baseiam em Plutarco, foi na ocasião do funeral do ditador que Antônio tornou-se célebre. Discursou de maneira eloqüente, incitando o povo, o qual já se encontrava profundamente comovido, a fazer justiça perante a tão brutal assassinato. Os acontecimentos, depois de tal fato, fizeram com que o jovem amigo de César fosse colocado em cargo de extrema importância política.

Após o assassinato de Júlio César, seguiu-se um período turbulento em Roma, durante o qual o quadro das alianças políticas sofria profundas alterações. Os assassinos de César, ao se darem conta que o povo não apoiava suas ações, fugiram logo após os Idos de Março. O governo de Roma era disputado por homens ávidos pelo poder. Com a chegada de Otávio, o cenário mudou. O jovem, que regressava de uma campanha militar, era o herdeiro designado por César e chegava a Roma com o intuito de assumir o poder. Antônio também lutava por manter-se em papel de destaque dentro do cenário político romano, uma vez que era cônsul na ocasião da morte do ditador e por esta razão constituía-se na maior autoridade em Roma.

A disputa pelo poder romano chegou à beira de uma guerra civil, porém em 43 a.C., é formado o Segundo Triunvirato composto por Antônio, Otávio e Lépido. Senhores de Roma, os triúnviros reprimem violentamente seus oponentes políticos, assassinando, dentre outros, Cícero, grande inimigo de Antônio. Na Ásia, por sua vez, perseguiram os assassinos de César, eliminando-os. Mais uma vez, o território romano é dividido, ficando cada triúnviro com sua porção. A Antônio coube o Oriente, a Augusto, o Ocidente e a Lépido, a África.

Antônio encontrava-se agora na faixa dos quarenta anos de idade e estava casado com Fúlvia, sua terceira esposa. Responsável pela administração das províncias romanas do Oriente parte para lá, encontrando-se com Cleópatra VII. Após uma rápida estadia em Alexandria, o triúnviro viaja para a Grécia onde sua esposa havia se escondido após levantar uma rebelião contra Otávio. Com isso, a relação entre Antônio e Otávio estava profundamente abalada. Situação que só se altera em 40 a.C., com a reconfirmação da divisão do Império entre eles com o

Tratado de Brundísio e com o casamento de Antônio com Otávia, irmã de Otávio. É possível notarmos, mais uma vez, como o casamento possuía, em Roma, uma grande importância política.

No outono de 37 a.C, Antônio deixou mais uma vez Roma com o propósito de partir para o Oriente para preparar-se para invadir a Pártia. Segundo Huzar (1978: 98), a idéia de invasão da Pártia pertencia a César, e Antônio, ao realizá-la, consagrar-se-ia como o verdadeiro herdeiro de César. No entanto, nada ocorreu como esperava Antônio. Apesar de todo o apoio financeiro que recebeu de Alexandria, a operação militar fracassou e Antônio retornou, mais uma vez, para as terras alexandrinas.

Enquanto Antônio engajava-se em expansões militares, Otávio, em Roma, tentava persuadir o povo romano do perigo representado pelo seu comparsa triúviro. É necessário salientarmos que as disputas políticas entre os dois governantes nunca cessaram por completo, sendo só apaziguadas com o casamento de Antônio com Otávia. Os conflitos entre os triúviro acirraram-se ainda mais quando Antônio denominou o filho de César, além de seus próprios com Cleópatra VII, soberanos do Egito e de Roma. Além disso, Antônio repudiou Otávia, fato que é usado como argumento principal por Otávio ao declarar guerra ao então triúviro do Oriente.

O ápice desta disputa encontrou-se na batalha de Áccio, em 31 a.C., onde as tropas dos dois triúviro enfrentaram-se. Otávio saiu vitorioso, enquanto Antônio partiu com Cleópatra para as terras alexandrinas. As tropas alexandrinas e as de Marco Antônio resistiram por algum tempo, porém as tropas de Otávio invadiram a cidade, sitiando-a.

Segundo algumas correntes historiográficas, ao perceber que a guerra estava perdida, Antônio suicidou-se, assim como Cleópatra, no ano de 30 a.C. Seus filhos, com a soberania egípcia foram feitos prisioneiros e Otávio iniciou seu governo único, o Principado Romano.

Logo, a partir desta breve exposição sobre as características relatadas por Plutarco e as versões nos passada por pesquisadores atuais, pode-se compreender que, apesar de Plutarco ter realizado um trabalho muito próximo a de um historiador, principalmente em sua busca por documentos, relatos e testemunhos sobre as épocas que escreve, sua obra não está ausente de anacronismos e nem da exposição de suas próprias opiniões, fator este que pode ocasionar certas divergências entre seus relatos e as pesquisas historiográficas e arqueológicas recentes. No entanto, é necessário ressaltar, como observam Paul Veyne (1998) e Keith Jenkins (2001), que nenhuma obra, seja ela histórica, literária ou biográfica, está imune à subjetividade de seu autor. Portanto, ao descrever as vidas de Júlio César e Marco Antônio, assim como as de outros

personagens, Plutarco fez uso de pressupostos de sua própria sociedade, a grega, deixando, em alguns momentos, de levar em consideração que estava relatando as vidas de homens romanos de séculos diferentes do seu.

### Referências Bibliográficas

- BALSDON, J.P.V.D (org). **O Mundo Romano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1968
- \_\_\_\_\_. The Veracity of Caesar. In: **Greece & Rome**, Second Series, Vol. 4, No. 1, 1957, pp. 19-28.
- CANFORA, L. **Júlio César: o ditador democrático**, São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Ideologías de los Estudios Clássicos**. Madrid: Akal, 1991.
- CRAZALS, J. **Plutarque**. Paris: Lecène et Oudin, 1989
- CUFF, P. J. Caesar the Soldier. In: **Greece & Rome**, Second Series, Vol. 4, No. 1, 1957, pp. 29-35.
- FLACELIÈRE, R., CHAMBRY, E. e JUNEUX, M., Introducion, In: **Viés**. I. Paris: Les Belles Lettres, 1957.
- FUNARI, P.P. **A Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.
- \_\_\_\_\_. P.A.; GLADYSON, J.; MARTINS, A.(orgs). **História Antiga: contribuições brasileiras**. São Paulo: Annablume, 2008.
- GARNSEY, P and SALLER, P. **The Roman Empire: economy, society and culture**. Duchworth: Great Britain, 2001.
- GUARINELLO, N. L. **Imperialismo Greco-Romano**. São Paulo: Ática, 1994.
- GRIMAL, P. **Le Siècle d'Auguste**. Paris: PUF, 1968.
- HUZAR, E. **Mark Anthony: a biography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978.
- JENKINS, K. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MCDONALD, A.H. **Roma Republicana**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971
- PETIT, P. **A Paz Romana**. São Paulo: Pioneira, 1964.
- PLUTARCH. **The Parallel Lives**. Londres: Loeb Classical Library edition, 1919, 4v.
- \_\_\_\_\_. **The Parallel Lives**. Londres: Loeb Classical Library edition, 1919, 5v.
- PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. São Paulo: Editora PAUMAPE, 1991, 4v.
- \_\_\_\_\_. **Vidas Paralelas**. São Paulo: Editora PAUMAPE, 1991, 5v.
- \_\_\_\_\_. **SUETÔNIO. Vidas de César**. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- RAMSEY, J. **Did Julius Caesar temporarily Banish Mark Antony?** in *The Classical Quarterly*, Vol. 52, nº2, p.549-553. Inglaterra: Oxford University Press, 2003.
- SILVA, M.A.O. **Plutarco Historiador: uma análise das biografias espartanas**. São Paulo: Editora EDUSP, 2006.
- SILVA, G. V. Política, Ideologia e Arte Poética em Roma: Horácio e a Criação do Principado. In: **Politéia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v.1, nº.1, p.29-51, 2001.
- SHERWIN – WHITE, A. N. Caesar as an Imperialist. In **Greece & Rome, Second series**, Vol.4, No1, March 1957.
- TAYLOR, L. R. Caesar and the Roman Nobility. In: **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Vol. 73, 1942, pp. 1-24.
- \_\_\_\_\_. The rise of Julius Caesar. In **Greece & Rome, Second Series**, Vol.4, No.1, March 1957.
- VEYNE, P. M. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora UNB, 1998.